

BITZKRIEG – Da Segunda Guerra Mundial, a lembrança mais antiga é do tempo em que morava em frente ao estádio do América Futebol Clube, na Tijuca, não estava ainda na escola e aprendia a ler nos cartazes do clube e nos jornais que papai trazia do trabalho.

Num deles, o título grande, manchete, em negrita, versal, com um ponto de exclamação depois, me deixou embatucado: “Blitzkrieg!”

Ninguém soube me dizer como se lia aquilo e o que significava.

Depois, já morava no Engenho Novo, levaram-me para ver a marcha dos soldados do Regimento Sampaio pela Rua Vinte e Quatro de Maio, em formação compacta, calçada a calçada. Uma parada estranha, sem música, sem festa. Em silêncio: só o barulho das botas roçando no chão.

Hilda Preta procurava sob os capacetes o rosto do namorado, José. Ele e os outros iam lutar na Itália.

Não se viram.

“Para que servem os postes?”, perguntei à Hilda Branca.

“Para segurar os fios”.

“Que fios?”

Foi aí que descobriam que eu era míope – e assim se frustrou o meu primeiro projeto de vida, ser piloto de avião de combate.